

Leituras recíprocas

TERESA CRISTÓFANI BARRETO

TERESA CRISTÓFANI BARRETO é professora de Literatura Hispano-americana na FFLCH-USP.



Os dois textos a seguir, de Maria Paula Gurgel Ribeiro e de Wilson Alves-Bezerra, tratam, em espelho, de um mesmo movimento da primeira metade do século XX: as leituras recíprocas realizadas por brasileiros e argentinos, principalmente por Lobato e Mário de Andrade, e por Manuel Gálvez e Horacio

Quiroga. Numa verdadeira dança literária das cadeiras, eles publicavam traduções e obras, resenhas e críticas, tanto em seus países de origem, como nos vizinhos.

Nessas idas e vindas, um *caso* aflora: o das vanguardas.

Os modernistas, sejam eles daqui ou de lá – e sempre vale lembrar que o termo, na banda hispânica, remete menos às vanguardas que às estéticas finisseculares –, traçam, em suas resenhas e críticas, o mapa de leituras realizadas. Esta seria, digamos, uma geografia *visível* a ser delineada. Mas há outra, mais interessante porque cala. Trata-se de uma cartografia paralela, apagada nos silêncios que ignoram determinadas obras e autores porque, tudo indica, estes foram expurgados de publicações tomadas como faróis por esses leitores privilegiados – porém, ao que parece, suscetíveis a seleções alheias.

Mário de Andrade, mostra-nos Wilson Alves-Bezerra, realiza suas leituras através de uma seleção já efetivada por seus pares vizinhos, de corte rigorosamente vanguardista. Excluem-se do cenáculo nomes como Roberto Arlt e Horacio Quiroga, por exemplo. Infelizmente, o mesmo Mário que aposta em nomes ainda em início de carrei-

ra, como Borges, não vai sequer adquirir os volumes recém-lançados de Arlt e Quiroga, então considerados, por revistas portenhas mais combativas e de leitura certa do paulistano, da *geração* anterior. Nesse caso, Mário, de olho no passado, não conseguiu enxergar o presente. Muito menos prever o futuro desses dois autores, revisitados pela crítica e intensamente valorizados, até pela mais recente.

A partir dessa primeira constatação, Alves-Bezerra aprofunda, em seu ensaio, a reflexão sobre o não-lugar atribuído a Quiroga na nova narrativa argentina. Justo ele, autor reverenciado pelos contistas tidos como fundadores dessa tal nova narrativa.

Invertendo as posições, o artigo de Gurgel Ribeiro trata, entre outros temas, desse mesmo autor confinado ao desterro crítico por Mário de Andrade, mas lido por Lobato.

Mais de dez anos antes de Mário, Monteiro Lobato deu início ao diálogo Brasil-Argentina. A partir de 1910, já concretiza o intercâmbio, principalmente nas páginas da *Revista do Brasil*. Mas foi a partir dos anos 1918 a 1925, quando era seu proprietário, que o *caso* aludido, o das vanguardas, vem à tona nas tipografias de Lobato. Nas fervilhantes épocas das sucessivas estridências literárias, Lobato publica importantes nomes, mas todos advindos do final do século. Coroa-os o notável nicaraguense, considerado pai do *modernismo* hispano-americano – e do *gran cisne que me interroga* –, Rubén Darío. Nem uma palavra, portanto, sobre as vanguardas.

E o mesmo Horacio Quiroga, renegado por Mário, ganha destaque nas resenhas da revista. Mais do que isso, é vivamente recomendado e considerado, “dos contistas actuaes, o *primus inter pares*”.

Assim, os artigos desses dois moços – uma, doutoranda e, outro, mestrando em literatura hispano-americana –, complementam-se nas reflexões realizadas não apenas sobre as leituras recíprocas entre Brasil e Argentina mas, especialmente, pelos reveladores silêncios que podem ser aí ouvidos.

WILSON ALVES-BEZERRA é professor de Língua Espanhola da UFSCar/SP e mestrando em Literatura Hispano-americana na FFLCH-USP.

As nacionalidades latino-americanas: a Argentina vista à luz dos olhos de Mário de Andrade e pelas sombras de Horacio Quiroga

WILSON ALVES-BEZERRA

AS VANGUARDAS ARGENTINAS PELAS LENTES DE MÁRIO DE ANDRADE

A

partir de abril de 1928, Mário de Andrade passa a publicar no *Diário Nacional* uma série de artigos sobre a literatura argentina, em que trata dos *modernistas* de lá. Naquelas linhas aparecem tanto comentários sobre os jovens martinfierristas Jorge Luis Borges, Oliverio Girondo, como notas sobre os escritores da revista *Claridad*, como Enrique Amorim,

Mariani, Alvaro Yunque, e dos não tão jovens Leopoldo Lugones e Ricardo Güiraldes.

Ver esses autores argentinos pelos olhos do brasileiro Mário de Andrade significa ir além da briga de vizinhos que ficaria imortalizada no folclore bonaerense como a polêmica entre os grupos de *Florida* e *Boedo* (1). Significa ver esses grupos, antes de tudo, pelo vigor *modernista* que têm em comum. Aos grupos de *Claridad*, publicação oriunda da esquerdista *Los Pensadores*, e ao de *Martín Fierro*, Mario de Andrade assim os qualifica:

“[*Claridad*] É a mais combatida. E a mais feliz. Por causa da gente dela possuir um credo social e artístico bem determinado, segue o rumo sem turtuveios nem pesquisas estéticas de ordem puramente desinteressada. É uma revista sã. Mas porque é feliz, a alegria aparece raramente nas páginas dela. Quem parece resumir a norma da alegria argentina é *Martín Fierro*, mais pesquisadora, mais inquieta, mais artística e mais desigual” (Andrade apud Antelo, 1986, p. 173).

A ressalva que faz Mário de Andrade à *Martín Fierro* é justamente seu afrancesamento nas últimas edições:

“Infelizmente, nos últimos tempos tem-se esforçado por congregar nas páginas dela também muitos nomes estrangeiros. Especialmente europeus. Especialmente franceses. Digo ‘infelizmente’ pra nós, os que se interessam pela manifestação argentina de arte que fica prejudicada não em valor mas em número diante dessa concorrência estrangeira” (Andrade apud Antelo, 1986, p. 175).

Assim, medindo o alheio por seu metro, Mário de Andrade sobrepassa o provincianismo do conflito dos vizinhos argentinos e consegue ver, nesse momento de ebulição cultural, o conjunto da produção literária argentina sob um prisma mais amplo: “A literatura argentina possui uma vida coletiva muito forte. Os grupos são

ativos e práticos publicando livros e revistas” (Andrade apud Antelo, 1986, p. 170). Em oposição à aridez do momento brasileiro, quando apenas se publicam duas revistas literárias locais.

Mário se ocupará também, nesses artigos, de explorar o tema da constituição das nacionalidades, questão premente para as ainda jovens nações americanas, tema que, para ele, passaria necessariamente pelo aspecto lingüístico: “Pode-se dizer que o repúdio pelas línguas mães, inglês, espanhol, português, manifesta-se em todas as nações americanas” (Andrade apud Antelo, 1986, p. 167). Para Mário, a questão do nacional estaria muito melhor resolvida para argentinos que para brasileiros e, para fundamentar essa tese, faz uma lista das publicações de ambos os países, tratando de enfatizar como o campo semântico dos nomes das obras brasileiras tem muito mais de tentativa de afirmação nacionalizante que os argentinos. Assim, aparecem termos como “verde-amarelo”, “paubrasil”, “minha terra”, “Brás, Bexiga e Barra Funda”, entre muitos outros que, de alguma forma, aludem a temas ou símbolos nacionais. Donde depreende que “o nacionalismo argentino era mais inconsciente e menos rotular” (Andrade apud Antelo, 1986, p. 176) (2).

Dado o calor do momento, a agudeza de Mário de Andrade é notável nas críticas que faz tanto a Borges, em quem já antevê como “a personalidade mais saliente da geração moderna da Argentina” (Andrade apud Antelo, 1986, p. 176), como a Güiraldes, de quem a obra desigual é analisada com agudeza, passando ainda por Gironde, cujo excesso imagético é criticado.

Paralelamente à questão estética, assuntos concernentes à política, e à já citada questão nacional, demonstram a consciência de Mário dos processos históricos então em curso, ao tratar dessa que será, pelo menos até o final dos anos 30, a pedra de toque, ou pedra no sapato, dessa geração latino-americana. Está presente no texto de Mário o escárnio ao artigo de Guillermo de Torre sobre o suposto meridiano cultural hispano-americano que seria Madri, como

1 Muito embora participantes tanto de Florida como de Boedo tenham tentado posteriormente desmentir a polêmica, esta continua sofrendo revisões até hoje. Ver, por exemplo, Borges (apud Sarlo, 1982, p. 159).

2 A crítica argentina Patricia Artundo, a cujo trabalho remeto o leitor, afirma que, “se o Brasil já possuía uma psicologia própria, o problema de ‘abrasileirar’ o país assumia outro caráter: não era necessário continuar trabalhando conscientemente em prol deste caráter nacional porque ele já podia ser reconhecido” (Artundo, 2001).

também aparece de modo irônico o afrancesamento de Güiraldes. O que mostra que a percepção da tensão ainda não resolvida entre América e Europa está dentre as preocupações de Mário naquele momento.

A LITERATURA ARGENTINA PELOS OLHOS DAS VANGUARDAS

Se levarmos em conta a escassez de obras encontradas na biblioteca de Mário de Andrade de acordo com o passeio dado nela pelo crítico Raúl Antelo (cf. Antelo, 1986), é notável a amplitude da percepção de Mário do panorama político-literário argentino na metade dos anos 20. Porém é também bastante claro, inclusive pelo privilegiado passeio de Antelo, que a fresta pela qual Mário vê a Argentina é a produção propriamente vanguardista, em todas as suas tonalidades. Inclusive é essa a senha que Mário usa para decodificar o panorama de lá: “moderno”. Assim, uma revista da geração anterior, fim de século, como *Nosotros*, interessará mais por ter acolhido em suas páginas, já em 1925, o *moderno* Borges do que pela poesia de Alfonsina Storni, ou os contos de Quiroga e Lugones.

Dessa forma, não seria notável que escritores da geração anterior, ainda que estranhamente contemporâneos, como Roberto Arlt e Horacio Quiroga, não aparecessem nas resenhas de Mário. Eles sofriram, nesse momento, uma espécie de paricídio, do qual, pouco a pouco, iriam recuperar-se, em futuras exumações e reavivamentos, a partir do surgimento da “geração de 45” no Uruguai e dos novos paricidas da revista *Contorno*, na Argentina, e por parte de escritores como Onetti, Cortázar e, mais atualmente, Piglia, que retomarão sua obra.

Esse rechaço deveu-se muito mais a questões geracionais do que propriamente estéticas. Autores como Rocca (1996) e mesmo antes Monegal (1961) já analisaram que o silêncio mútuo imposto entre os contistas Borges e Quiroga deveu-se muito

mais à auto-afirmação do que a algum julgamento sobre o modo de narrar de cada um. Se fôssemos buscar um motivo concreto para esse rechaço, poderíamos pensar que Quiroga foi um escritor popular, no sentido de que as revistas nas quais foi publicada sua obra ao longo de décadas eram magazines de grande circulação como *Caras y Caretas*, *Fray Mocho*, *El Hogar* ou o jornal *La Nación*, e não pequenas revistas literárias. Não nos esqueçamos que desde o princípio *Martín Fierro* apresentava-se como uma alternativa a essas publicações. Já na edição de fevereiro de 1924, pode-se ler em suas páginas: “*Si usted juzga que el colaborar en los grandes diarios supone talento, no lea Martín Fierro*”.

A não participação de Quiroga nas lutas vanguardistas deveu-se também a sua postura anárquica e solitária, apesar de ter sido bastante assediado pelo grupo de *Los Pensadores*, através de Yunque e Olivari, inclusive para ir à URSS, por causa de seus contos “de esquerda”, como “Los Mensú”, “Los Precursores” e “Los Pescadores de Vigas”, nos quais aparece a exploração dos peões do nordeste argentino. Quiroga, a despeito de tudo isso, preferia manter de si a imagem de *anarquista solitário*.

No que toca ao mercado, Quiroga tinha uma política de fazer algumas concessões a seu público leitor – especialmente à *sociedade mulheril*, como deixa claro em sua correspondência pessoal –, por outro lado, politicamente, sua imagem era de um *self made man*. De modo que, a despeito de seu livro mais maduro, *Los Desterrados*, ser lançado no mesmo ano de *El Juguete Rabioso* de Arlt (1926), o foco imediato ficará, entre os vanguardistas, sobre o *afrancesado*, porém bom, *Don Segundo Sombra*, de Güiraldes. Assim, na estante de Mário de Andrade, o exemplar que se encontra, magistralmente lido, anotado e analisado é o de Güiraldes, não os outros.

A inquisição martinfierrista, que em suas páginas sequer alude ao lançamento da obra de Quiroga, parece apagar dos textos de Mário de Andrade as marcas de Quiroga e Arlt da literatura argentina. A renovação da linguagem, aparecida em

ambos, a língua de fronteira dos desterrados de Quiroga, mescla de guarani, português e espanhol, e a suja língua portenha de Arlt, com seus traços de lunfardo, cocoliche, não chegam aos ouvidos de Mário, porque, no entender dos vanguardistas argentinos dos primeiros tempos, eles não são *modernos*.

AS VANGUARDAS ARGENTINAS PELOS OLHOS DA CRÍTICA

É plenamente plausível e aceitável portanto a exclusão desses escritores das discussões desse momento. Tal consciência histórica manifesta-se inclusive em Horacio Quiroga que, em 1930, após a publicação de um artigo em que se submete a um kafkiano tribunal literário ao qual sucumbirá, retira-se do panorama literário, assumindo que seu tempo não é o presente, e assumindo um silêncio de cinco anos, que será quebrado apenas por um último livro, poder-se-ia dizer, póstumo, dois anos antes de sua morte.

Entretanto, se no momento dos fatos tais atitudes, como o rechaço dos vanguardistas, traduzido em comentários lacônicos e depreciativos de Borges e Bioy Casares, são plenamente compreensíveis, chama a atenção que tal esquecimento voluntário seja extensivo ao discurso da crítica de a partir de então.

É digno de curiosidade que tais acontecimentos tenham criado uma certa inércia classificatória, segundo a qual Horacio Quiroga parece ocupar uma pré-história da nova narrativa. Donald Shaw (1999), para citar um exemplo contemporâneo e curioso dessa inércia secular, aponta:

“Se ve, pues, que en el Buenos Aires de la polémica Boedo-Florida ya empezaba a perfilarse la fisionomía de algo nuevo. Don Segundo Sombra, junto con Zogoibi de Enrique Larreta, y en otro sentido Los desterrados de Horacio Quiroga, que contiene sus mejores cuentos de la selva de

leitu
ecik

Misiones, todos aparecidos en 1926, representan lo pasado, los temas rurales, lo autóctono. Por el contrario, El juguete rabioso de Arlt, según Jitrik ‘inaugurará definitivamente la literatura urbana con proyección universal, por una parte, y la literatura que muestra la forma de ser y los mitos de una clase social concreta por la otra’” (Shaw, 1999, p. 23 – grifos meus).

Dessa forma, tornando sinônimas “*literatura urbana*” e “*nueva narrativa*”, Shaw reatualiza o mito, transforma Arlt em “marco zero”, Quiroga e outros em “menos um”, e ignora todos eles em seu livro, cuja literatura urbana aparecerá umas quantas vezes, mas no qual Rulfo, García Márquez, Arenas, Vargas Llosa e outros de forma alguma representarão “*lo rural*”, “*lo autóctono*”, “*lo pasado*” nem terão nenhuma relação de afinidade com o tipo de narração de Quiroga, ao menos segundo Shaw.

O lugar de precursor, de antecedente, parece-me, será sempre um não-lugar se não se dá ao trabalho de analisar uma obra, e se assemelharia ao título de *Doutor Honoris Causa* dado ao estrangeiro desconhecido. Por outro lado, tomar um escritor desarticuladamente, desterrá-lo de seu contexto, parece-me, é tirar de sua obra suas ligações com seu tempo, com seus contem-

Tras oro

porâneos. Aceitar e renovar a morte que a Quiroga ofereceram as vanguardas é perder parte do movimento transformacional pelo qual passava naquele momento a literatura argentina, do qual Quiroga e Arlt, sim, fizeram parte, inclusive no tocante à percepção da nacionalidade.

A NACIONALIDADE ARGENTINA PELA SOMBRA DE QUIROGA

Seria o caso de perguntar-se, então, como se dá, na obra de Quiroga, a questão da nacionalidade, como ela se configura, e como se resolve esteticamente, projetando-a na discussão proposta, no princípio deste trabalho, por Mário de Andrade.

Poderíamos ler esta discussão a partir da imagem do desterro. É possível ler a obra de Quiroga a partir da perspectiva de uma poética do desterro, cuja força é tão contundente que parece – ao menos se levarmos em conta o discurso da crítica ao longo do século XX – quase desterrá-lo da literatura.

O suposto mau gosto na escolha de seus temas, a morte reiteradamente narrada pelos mais diversos ângulos, e as ressonân-

cias que isso traz parecem ressoar negativamente nos ouvidos e nas reminiscências de escritores tão diversos como Bioy Casares e Cabrera Infante, parecem favorecer-lhe a situação do desterro, além da clássica frase de Borges, de que “*Horacio Quiroga es una superstición uruguaya*” (Borges apud Dámaso Martínez, 1993, p. 1.301), poderíamos citar, como forma de ilustração, outros interessantes julgamentos *críticos* sobre Quiroga:

“*¿Vas a escribir y admiras a Quiroga?/ Dejamos a tu alcance banco y sogá*” (Bioy Casares, 2001, p. 204).

“*Detive-me na vida de Horacio Quiroga porque parece uma violenta telenovela e é mais interessante que sua ficção – que não é menos violenta. [...] Li os contos de Quiroga, todos, na adolescência e acreditei em todos. [...] Agora, mesmo que me ameaçassem com a expulsão deste encontro, eu não os leria nem amarrado*” (Cabrera Infante, 2001, p. 11).

Não se trata somente do tema da morte inesperada, das situações-limite como o delírio, o sonho, a doença, mas também da constituição do espaço narrativo – a região fronteiriça de Misiones –, que parece saturar a obra do uruguaio-argentino do sinistro. Da mesma forma que são os personagens que atravessam essas situações, sejam os peões brasileiros ou paraguaios, europeus fugidos da Primeira Guerra Mundial, ou portenhos que desistiram da vida na cidade, e que interagem nos botecos ou *obrajes* missioneiros, são eles que constituem o núcleo da obra quiroguiana: desterrados em um mundo-limite, um mundo de agressividade e esquecimento, um não-lugar. O efeito de leitura da obra de Quiroga – para usar o termo de Poe – parece ser o sinistro de Freud, aquilo que “*debiendo permanecer secreto, oculto... no obstante se ha manifestado*” (Schelling apud Freud).

Nos contos de Quiroga não parece haver lugar para o bom gosto, para a civilização ou para o Estado nacional, como o concebiam os vanguardistas e como parece conceber o

contemporâneo e maduro Cabrera Infante. O que há é o deserto do selvagem, a selva do desterrado, o delírio científico, como o demonstram contos tão diversos como “Los Destiladores de Naranjas”, “El Desierto”, “El Salvaje” e “La Miel Silvestre”. O que há é uma civilização que não se realizou, o que há é uma busca de reterritorialização através da barbárie.

Nas fronteiras missioneiras, no leito caudaloso do Rio Paraná, na porosidade da fronteira, a todo tempo cruzada por oriundos da outra banda (ou de outras bandas), nas línguas que se entrecruzam – criando entrelínguas – na ausência de uma etnia dominante, na iminência da morte, nos delírios do álcool ou da maleita, configura-se um território à margem, cujas margens moventes narram-se em seus contos.

A essa região, os nomes atribuídos nos contos, ora *país*, ora *desierto*, nos conduzem a uma territorialidade bem marcada. Poderíamos dizer que o *Desierto* de Quiroga, nome peculiar para uma região selvagem, tem a mesma força enquanto projeto

narrativo que Macondo de García Márquez, ou que Santa María de Onetti. E os habitantes desse *Desierto* ou *país* serão justamente os *desterrados*, que dão título a outro volume do escritor.

Em Quiroga se configura um território selvagem de latitudes definidas, mas de limites imprecisos, cuja ancestralidade oferece-se, não sem riscos, àquele que a venha habitar. Mas a colonização a que se submetem essas terras não é a do *bandeirantismo civilizador* de Sarmiento, tampouco se estabelece “*una nación para el desierto argentino*”, como queria Alberdi. O deserto de Quiroga não foi colonizado por empreendedores, por ilustrados, por civilizados, mas por atormentados, marginais, desterrados, sonhadores, aventureiros e alcoólatras. O território de fronteira descrito por Quiroga é um território de pura potencialidade, de puro devir, onde nada se fixa, país entre países, selva, deserto, ecoar de fronteiras, onde sequer a vida pode manter-se sem custos, sem danos. É o Éden do Adão suicida, o selvagem.

BIBLIOGRAFIA

- ANTELO, Raúl. *Na Ilha de Marapatá (Mário de Andrade Lê os Hispano-americanos)*. São Paulo, Hucitec/MinC/Pró Memória/Instituto Nacional do Livro, 1986.
- ARTUNDO, Patricia. “Clara Argentina”, in *Mário de Andrade y la Argentina*. Tese de doutorado. FFLCH-USP, 2001 (2 vol.).
- CABRERA INFANTE, Guillermo. “Uma História do Conto”, in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 de dezembro de 2001, p. 11.
- CELADA, María Teresa. “A Fundação de um Destino para a Pátria Argentina”, in Orlandi Puccinelli (org.). *Discurso Fundador. A Formação do País e a Construção da Identidade Nacional*. 2ª ed. Campinas, Pontes, 2001.
- DELEUZE, Gilles; DERRIDA, Jacques. *Mil Platôs*. São Paulo, s.d. (5 volumes).
- MONEGAL, E. Rodríguez. *Las Raíces de Horacio Quiroga*. Montevideo, Asir, 1961.
- QUIROGA, Horacio. *Todos los Cuentos*. 2ª ed. Allca XX/Edusp, 1996 (Edición Crítica, coord. Napoleón Baccino Ponce de León y Jorge Laforgue. Col. Archivos, vol 26).
- ROCCA, Pablo. *Horacio Quiroga. El Escritor y el Mito*. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 1996.
- SARLO, Beatriz. “Vanguardia y Criollismo: La Aventura de Martín Fierro”, in Beatriz Sarlo e Altamirano. *Ensayos Argentinos. De Sarmiento a la Vanguardia*. Buenos Aires, Capítulo, s.d.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-americanas. Polêmicas, Manifiestos e Textos Críticos*. São Paulo, Edusp/Fapesp/Illuminuras, 1995.
- _____. (org.). *Borges no Brasil*. São Paulo, Editora da Unesp/Imprensa Oficial, 2000.
- SHAW, Donald L. *Nueva Narrativa Hispanoamericana. Boom. Posboom. Posmodernismo*. 6ª ed. ampliada. Madri, Cátedra, 1999.

Este trabalho é parte de um projeto mais abrangente, para obtenção do grau de doutor na FFLECH-USP, que conta com o apoio da Capes.

Sobre
diálogos
literários:
Monteiro
Lobato,
Manuel
Gálvez
e Horacio
Quiroga

MARIA PAULA GURGEL RIBEIRO
é doutoranda em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana, tradutora de *Os Sete-Loucos & Os Lança-chamas e Viagem Terrível*, de Roberto Arlt, além de *Wasabi*, de Alan Pauls (todos pela Iluminuras).

Muito já se escreveu e continua sendo escrito sobre Lobato (1882-1948): biografias, análises da sua obra, inclusive aquela direcionada ao público infantil, estudos sobre o seu desempenho como editor, tradutor e polemista no âmbito cultural brasileiro. No entanto, um ponto é mencionado, em geral, de maneira breve: a relação de Monteiro Lobato com a Argentina. Enumeram-se suas obras publicadas em Buenos Aires, e menciona-se o fato de ele ter se mudado para a capital portenha em junho de 1946, onde viveu por quase um ano e fundou uma editora, a Acteon. Porém, são, quase todas, notas esparsas a respeito. Não se menciona, por exemplo, a partir de quando se deu esse vínculo, ou quem eram os interlocutores argentinos de Lobato. Na verdade, o vínculo teve início em meados da década de 1910 quando, estando na direção da *Revista do Brasil*, o escritor incentivava um importante intercâmbio entre autores brasileiros e argentinos e prosseguiu com a edição de suas obras em espanhol e continuou até 1948, ano da sua morte.

Uma abordagem mais detalhada desse vínculo permite afirmar que Monteiro Lobato exerceu um importante papel como mediador cultural entre Brasil e Argentina, isto é, um intelectual que no início do século XX engajou-se em projetos editoriais e práticas de escritura e tradução que visavam a aproximar e, assim, dar a conhecer, a produção cultural do Brasil e da Argentina desse período.

A *Revista do Brasil* (1916-90), especialmente nos anos em que Lobato se tornou seu proprietário – de 1918 a 1925 –, foi

peça importante em todo esse intercâmbio: nela eram publicados artigos de e sobre escritores argentinos, a maioria ligada ao modernismo hispano-americano (1), como Manuel Gálvez, Atilio Chiappori, José Ingenieros, o uruguaio Horacio Quiroga e o nicaragüense Rubén Darío, cuja presença foi significativa para o campo literário argentino. A lista fala por si mesma mas também pelo que exclui: os nomes dos escritores vanguardistas, precisamente numa década em que essas estéticas de ruptura ganhavam importância. O presente texto levanta alguns pontos a respeito do porquê da exclusão dos vanguardistas, que nesses anos estavam em plena atividade. Serão analisados apenas os casos de Gálvez e Quiroga pois, dentre os autores mencionados, foram os que tiveram maiores e mais significativas aparições na *Revista do Brasil*, além de terem se correspondido com Lobato, especialmente Quiroga. É interessante destacar que até o presente momento essas cartas permaneciam inéditas.

É bem verdade que desde os primeiros números, em 1916 e ao longo de 1917, a *Revista do Brasil* já anunciava o recebimento de publicações argentinas (além de francesas, portuguesas, espanholas e italianas), em especial a *Revista de Filosofía*, dirigida por José Ingenieros, pois, ao mesmo tempo em que declarava sua preocupação nacionalista, no artigo de apresentação o corpo editorial (2) afirmava que isso não significava que a publicação tivesse um caráter xenófobo (3). Mas foi na gestão de Lobato que o diálogo realmente se intensificou e prosperou (4). Poucos meses depois de ter adquirido a *Revista do Brasil*, em 1918, com capital proveniente da venda da fazenda que herdara do avô, Lobato entrou em contato com o escritor e editor argentino Manuel Gálvez (1882-1962), que dois anos antes havia criado a Cooperativa Editorial de Buenos Aires. Em carta ao seu amigo e também escritor Godofredo Rangel, com quem se correspondeu ao longo de quarenta anos, Lobato comenta o contato e a sua intenção de lançar livros brasileiros no mercado argentino:

leitura

“[...] Isto [o lucro da *Revista do Brasil*] me induziu a tomar a coisa a sério e criar a Empresa Editora ‘Revista do Brasil’ com o capital de 100 contos. [...] Entre as coisas futuras projetadas está uma seção argentina, para lançar coisas nossas, traduzidas, no mercado de língua espanhola, que é grande. Estamos estudando a nossa associação com a Cooperativa Editorial Argentina e uma agência de publicidade. [...] Os bons livros brasileiros encontram grande saída em espanhol. Afirmam-me que *O Mulato*, de Aluisio, deu na Argentina dez edições (para apenas tres aqui). O meu *Urupês* vai ser lançado pela Cooperativa; estamos trocando cartas a respeito [...]” (Lobato, 1968, pp. 202-3).

Houve, efetivamente, uma intensa troca de cartas como afirma Lobato e, em uma delas, como se poderá notar, Gálvez tece comentários sobre *Urupês* e propõe a tradução e publicação de alguns dos contos em revistas portenhas:

“Buenos – Aires, agosto, 13 de 1919.

Mi estimado colega:

Estoy leyendo ‘Urupês’, que me interesa y seduce de una manera excepcional. Aquel Pontes de ‘O engraçado arrependido’ me ha hecho reír de veras. Es usted un escritor de una rara fuerza de estilo. Cuando termine su libro he de darle mi sincera opinión.

1 Vale lembrar que esse movimento não tem nenhuma ligação com o modernismo brasileiro e sim com as estéticas do final do século XIX.

2 Diretores: Plínio Barreto, Júlio de Mesquita e Alfredo Pujol; redator-chefe: Plínio Barreto; secretário-gerente: J. M. Pinheiro Junior.

3 Artigo de apresentação: “[...] O que há por traz do título da Revista e dos nomes que a patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir um núcleo de propaganda nacionalista. [...] O seu nacionalismo não é, porém, e não será nunca uma forma de hostilidade ao estrangeiro. Não queremos isolar o Brasil da humanidade, o que seria um disparate, nem podemos negar a dívida de civilização que nos prende ao estrangeiro. [...] o estrangeiro é, e há de sempre ser, para nós, como para toda a gente, objecto de observação atenta e cotidiana” [in *Revista do Brasil*, nº 1, anno I, jan./1916, pp. 2-4. Coleção do IEB]. Mantive, neste e nos demais fragmentos de artigos da Revista bem como nos fragmentos de cartas, a grafia original.

4 Vale lembrar que a presença de Lobato na *Revista do Brasil* ocorre já no seu terceiro número, em março de 1916, com a publicação do conto “A Vingança do Peroba”, e se manteve ao longo dos anos seja com publicação de contos, seja de artigos ou resenhas.

Me place muchísimo hacer relación con usted. Conozco la revista que usted dirige, y más de una vez pensé mandarle mis libros. [...]

En ‘Urupês’ hay varios cuentos que podrían ser traducidos y publicados en La Novela Semanal o en La Novela del Día. Si usted me autoriza, lo traduciré con Aguirre y lo haré publicar, precedido de un pequeño encabezamiento diciendo quién es usted” (5).

Nessa mesma carta, Gálvez propõe que Lobato escreva um artigo sobre literatura brasileira, para a revista *Nosotros*; em contrapartida, ele se disporia a escrever para a *Revista do Brasil*:

“¿Por qué no escribe usted un artículo sobre la actual literatura brasileña y me lo manda para ‘Nosotros’? Recuerdo que, a mi pedido, mi gran y llorado amigo Abel Botelho escribió un estudio sobre la literatura portuguesa, que yo tuve el placer de traducir y que publicamos en ‘Nosotros’. Yo traduciría también el suyo.

A mi vez, yo puedo escribirle a usted – algo más adelante, pues estoy lleno de trabajos –, del momento, para la Revista del Brasil. Me parece lamentable que nuestros países no se conozcan, y nosotros los escritores debemos hacer algo en vista de un acercamiento y conocimiento entre ambos pueblos.

Espero su respuesta.

Cordial saludo de su amigo y colega

Manuel Gálvez

s/c Pampa 2502” (6).

De perfis semelhantes, empreendedores, Lobato e Gálvez estabeleceram uma ponte entre os mercados editoriais brasileiro e argentino (Artundo, 2001). Ambos sendo escritores e editores, e com trânsito fácil nos meios jornalísticos, é claro que promoviam os seus autores, amigos escritores e a eles próprios. Em 1921 *Urupês* foi editado por Gálvez – apenas três anos depois da primeira edição brasileira – e este teve, por sua vez, o romance *Nacha Regules* editado pela companhia Graphico-Edi-

tora Monteiro Lobato, em 1924. Isso sem contar que Lobato constantemente anunciava suas novas criações literárias. A *Revista* chegou a ter também uma sucursal em Buenos Aires, cujo representante era B. Sánchez-Sáez (Orlov, 1980, p. 78), um dos tradutores de Lobato (assim como Benjamin de Garay (7) e Ramón Pietro), o que facilitou o intercâmbio. Sintomaticamente, quando Lobato deixa a *Revista do Brasil*, adquirida por Assis Chateaubriand dando início então a sua 2ª fase (set./1926 a jan./1927), o intercâmbio cultural entre Brasil e Argentina praticamente cessa nessa publicação.

Como editor, Lobato se preocupava, por exemplo, com a divulgação e distribuição dos livros: além das livrarias, eles deveriam estar em bancas, farmácias, mercados, em todos os estabelecimentos; homem à frente de seu tempo, Lobato anunciava seu produto, o que na época causou escândalo, pois o livro não era visto como uma mercadoria. Esse é exatamente um dos pontos que o afastaram dos grupos de escritores ligados às vanguardas, que na radicalidade crítica condenavam a mercantilização artística. Para elas, os verdadeiros artistas deveriam estar alheios ao afã do lucro, que poderia desviá-los do seu caminho.

O vínculo com a Argentina é estabelecido na *Revista do Brasil* por meio de diferentes manifestações: artigos, resenhas, cartas e discursos, publicados, em sua maioria, nas seções Bibliographia e Resenha do Mez. Outras vezes as obras eram apenas citadas na seção Recebemos Mais para, eventualmente, serem resenhadas em números posteriores. Nem sempre os artigos eram assinados, mas uma característica é comum a todos: o tom elogioso e o entusiasmo com o intercâmbio cultural. De Manuel Gálvez, autor de romances, novelas históricas, biografias, e com uma extensa produção ensaística e jornalística, foram resenhadas duas de suas principais obras, traduzidas e publicadas no Brasil: *O Mal Metafísico* e *Nacha Regules*.

O Mal Metafísico (1916), cujo tema central é o meio literário argentino, foi editado no Rio, por Braz Lauria, em 1920, e

5 Fonte: Arquivo Monteiro Lobato, localizado no Cedae (Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”)/ IEL, na Unicamp.

6 Idem, ibidem.

7 Como diretor da Biblioteca de Novelistas Brasileños, da editora Claridad, Garay foi um dos principais introdutores de autores brasileiros no cenário editorial argentino. Traduziu, prefaciou e resenhou inúmeros livros brasileiros.

resenhado no nº 60 da *Revista do Brasil*, em dezembro, por Monteiro Lobato:

“Precedido de um interessante prefácio de Claudio de Souza acaba de aparecer a tradução brasileira deste magnífico romance argentino de Manoel Galvez, nome que já transpõe as fronteiras do seu país e ascende sempre a cada novo livro que subcreve. E merece-o grandemente. Galvez é um verdadeiro romancista, dotado de todos os requisitos para a construção de uma obra grandiosa como o fez em França Zola. [...]

É extraordinária a semelhança do ambiente portenho com o da capital paulista, coisa lógica, aliás, dada a semelhança de formação étnica das duas capitais.

Quem conhecer o nosso meio literário poderá encarnar em Itubide, Orloff, Salvatierra, etc., tipos muito nossos conhecidos, de modo a transformar o romance argentino em um romance paulistano. Ao próprio Riga tivemos-o aqui no maravilhoso poeta que tempos atrás pôs termo à sua vida torturada.

[...]

Foi, pois, uma iniciativa feliz a do sr. Braz Lauria publicando o ‘Mal Metaphysico’ e dando ensejo a que o nosso público trave relações com um verdadeiro romancista sul-americano. Porque há escriptores que escrevem romances, e escrevem-nos a capricho – sem conseguir demonstrarem-se ‘verdadeiros’ romancistas. Entre nós, quantos! Galvez porém, é um romancista completo. [...] Seus livros alliam o documento duma época e o documento psicológico à grande arte da ficção. [...]

Outra coisa interessante deste livro é o decalque de tipos que vivem ou viveram em carne e osso na capital portenha.

Adivinha-se isso. Aquelle Escribanos, não é Ingenieros? E Zeballos não está ali? E Lugones, e tantos outros? Isto nos faz imaginar o sabor que terá o livro para os conhecedores do ambiente argentino...” (8).

Coerente com sua visão da literatura, é interessante notar o destaque que Lobato dá ao viés realista da narrativa nessa rese-

na, ao considerar “verdadeiros romancistas” aqueles que fazem da literatura “o documento duma época”.

Em *Nacha Regules* (1919), romance de grande sucesso entre os leitores argentinos, Gálvez trata de maneira sentimental o tema da prostituição, enfatizando apenas a situação de miséria que leva as moças a comercializarem seu corpo, deixando de lado os aspectos mais degradantes da atividade (Gramuglio, 2002). O livro foi resenhado no nº 67, de julho de 1921, pelo romancista e crítico literário Múcio Leão:

“O sr. Manuel Galvez, ao mesmo tempo que é um romancista, é um profeta. Assim, tem a sua obra um duplo carácter: na mesma hora em que pinta as incoherências da vida, anuncia para um futuro talvez não remoto, a manhã das verdades perfeitas. Esse carácter duplo é uma das grandes forças de penetração que o têm levado à familiaridade do povo argentino. [...]

‘Nacha Regules’ é um livro de amargura, tanto quanto de misericórdia. Nelle estão as melhores esperanças e as mais consoladoras profecias do sr. Manuel Galvez. [...]

O sr. Manuel Galvez compreende que a chaga é sem remédio, provindo unicamente dos mysterios da creança fascinante e injusta. No seu romance temos a prova disso. Das mulheres extraviadas que nelle apparecem, noventa por cento devem a queda às promessas falsas dos amorosos. Foi o noivo quem as levou a passeiar. E no passeio se consumou tudo... Pode-se dizer, até que esse livro representa um acto bíblico contra o perigo dos noivados e contra as insidias solertes das promessas de matrimonio... [...]

Não somente aos ricos e aos poderosos se estende a descrença do sr. Galvez. O escriptor reconhece que a multidão é ignorante e vil. Que as suas preferências são as preferências dos nescios. E que, enquanto não vier uma sociedade mais alta e mais bella, o povo tem que continuar a ser o mesmo acervo bestial. O homem que diz dar hygiene e conforto aos miseraveis foi apedrejado. A sympathia ficou impropicua

8 In *Revista do Brasil*, nº 60, dezembro/1920, pp. 371-3. Coleção IEB.

e, pior ainda, foi a fonte de desilusões. Com isso, porém, ‘Nacha Regules’ não deixa de ser um livro impregnado de muito carinho. Talvez mesmo, no bom sentido, seja possível considerá-lo um livro socialista. Pois não é a defesa dos oprimidos e dos enganados o seu thema central?”.

No número seguinte da *Revista*, em agosto de 1921, foi a vez de Gálvez comentar um livro de Lobato. Em artigo intitulado “Tudo nos Une”, publicado na seção Resenha do *Mez*, escreveu sobre *Urupés*, recém-lançado na Argentina, pela editora Patria, de sua propriedade, em tradução de Benjamín de Garay. Assim como na resenha ao seu *Mal Metafísico*, Gálvez enfatiza a semelhança entre os dois países. Se Lobato havia chamado a atenção para as semelhanças em relação à “formação étnica” das duas metrópoles e à ebulição comum aos respectivos meios literários, Gálvez, aproveitando a crítica presente em *Urupés*, chama a atenção para os vícios políticos, a pobreza e a má administração comuns nos dois países:

“É incrível até que ponto a literatura no Brasil revela no paiz irmão os mesmos costumes que no nosso. Salvo no que se refere aos negros, as novellas e os contos dos grandes escriptores brasileiros – os Coelho Neto, os Medeiros de Albuquerque, os Afranio Peixoto, os Graça Aranha, os Alcides Maya, para só falar nos contemporaneos – poderiam ser argentinos com uma simples mudança nos nomes e a diferenciação de alguns pormenores.

[...]

Em ‘Urupês’, que não é somente uma coleção de contos, encontramos os mesmos vícios da nossa vida nacional. Vemos aparecer allí a ruim política, a pessima administração, a miseravel existencia das classes pobres. Tudo quanto Monteiro Lobato refere do mestiço, na penetrante analyse com que abre o volume, pode aplicar-se aos nossos ‘paisanos’: a mesma preguiça, identica falta de aspirações, igual ignorancia e superstição. Aquelle Géca Tatú, celebre já no Brasil, onde o nome da personagem creada por Monteiro Lobato

deu ensejo ao apparecimento de uma série de vocabulos typicos, não é outro senão esse Juan Pueblo, esfarrapado e bruto que vemos, de quando em quando, nas caricaturas das nossas revistas illustradas.

[...]

O livro de Monteiro Lobato, que não é apenas muito interessante e cheio de talento, senão que por igual, contém muitos ensinamentos para todos nós, leva-nos a repetir a conhecida phrase de Saenz Peña: ‘tudo nos une, nada nos separa’. Os mesmos defeitos nacionaes e as mesmas virtudes; identicas esperanças e identico futuro” (9).

Sobre *Urupés* é preciso ressaltar que o livro ganhou uma página inteira no jornal *La Nación* e recebeu comentários elogiosos em publicações de grande circulação, como as revistas *Plus Ultra*, *Caras y Caretas*, entre outras. A partir dessas matérias e do contato com seu velho conhecido Manuel Gálvez, Horacio Quiroga (1878-1937) tomou conhecimento do livro e escreveu a Lobato. Essa carta foi reproduzida na *Revista do Brasil* nº 67, de julho de 1921, e é a entrada de uma significativa presença nos números posteriores:

“*Señor Monteiro Lobato: muy estimado compañero.*

He leido dias atrás su ‘Urupés’ con vivisimo placer, en la edicion española que dirige nuestro comun amigo Manuel Galvez. Como esta toner...a (10) pan-americana de descoñocernos es especialmente tan viva entre Brasil y Argentina, recién ahora nos es dado apreciar a un cuentista de la talla de ud. Aunque entiendo y aun podría hablar el portugues, lo leo con dificultad, ya que no es cosa de andar perdiendo el sabor de las cosas por la ignorancia de un solo adjetivo. Me atengo pues à la traduccion para leerlo. Comprende vd. el español? Si es asi, tendre grande placer de enviarle algo mio. No es comum en estos paises tropezar con personas a quienes felicitare de todo corazon, como es caso con vd. Muy contento, pues, de poder hacerlo, lo saluda

9 In *Revista do Brasil*, nº 68, agosto/1921, p. 468. Coleção IEB.

10 A letra está um pouco apagada.

con honda estimacion su compañero Horacio Quiroga” (11).

A partir dessa carta dá-se início a um intercâmbio que dura, ao que tudo indica, até 1924, e engloba desde comunicados de remessas de livros e revistas, passando por sugestões de publicações em editoras e revistas dos respectivos países até comentários sobre tradução. A carta (manuscrita) de agosto de 1921 é reveladora nesse sentido:

“B. Aires, agosto-6-21
Mi estimado Monteiro Lobato:
¿Recibió los libros por fin? Como tres días después de su carta me llegaron los suyos, confío a que a esta hora estén los míos en su poder. Si no es así, dígamelo en dos líneas para una nueva remesa.
Después le hablaré largo de ‘Negrinha’ y Cía. Afectos,

H. Quiroga” (12).

A resposta de Lobato foi rápida: um mês depois, Quiroga teve duas obras resenhadas na seção Bibliographia: *Cuentos de la Selva (para Niños)* (1918) e *El Salvaje* (1920). Trata-se de uma edição da Cooperativa Editorial Limitada, de Manuel Gálvez. Sobre *Cuentos de la Selva*, o artigo destaca a proximidade com o universo infantil abordado em *Narizinho Arrebitado* (1921), de Lobato:

“O illustre escriptor, que é Horacio Quiroga, não desdenha escrever para creanças. Põe ao serviço da infancia do seu paiz a sua bella arte, proporcionando-lhe verdadeiro regalo. É sempre o mesmo artista, cheio de pittoresco e imaginação.

Ao ler os seus ‘Cuentos de la selva’ não se pode furtar ao paralelo que se nos impõe com Monteiro Lobato, o autor do ‘Narizinho arrebitado’. A concepção da literatura infantil é, em ambos, atravez da distancia que os separa no mundo e das differenças de nacionalidade, de formação e outras, exactamente a mesma. Um e outro comprehendem que só o maravilhoso pode se-

duzir a alma infantil, que só as coisas que lhe são familiares podem viver para ella e que só essas mesmas coisas podem ensinar a vida, educando sentimentos e espirito” (13).

O paralelo entre os dois autores ressaltado na resenha é confirmado pelo próprio Horacio Quiroga ao dizer, em carta (6/out./1921), ser “*muy evidente la analogía entre Vd. y yo. Particularmente en el [ilegível] total a los sentimientos. Buenos hijos de Kipling, al fin y al cabo*”.

A respeito de *El Salvaje*, o artigo tece rasgados elogios a Quiroga, ao afirmar que sua obra “revela não só um grande talento de narrador como de uma sólida cultura, servida por qualidades do bom gosto, arte e imaginação” (14), além de enumerar e descrever alguns dos contos do volume, em frases curtas, como por exemplo: “‘Lucila Strinberg’, psychologia de uma dama phantasista, surpresa ante a vaidade do amante, a quem mais importa o nome della que a pessoa – são contos interessantísimos, finamente acabados, que se lêem com o máximo prazer” (15).

Horacio Quiroga teve ainda o conto “Uma Estação de Amor” publicado no nº 73 de janeiro de 1922, com tradução de Lila Escobar de Camargo. A autorização para publicação é comentada em carta de 12 de novembro de 1921, na qual o autor uruguaio também tece comentários acerca de pagamento:

“Buenos Aires, noviembre 12 de 1921.

Mi estimado Monteiro Lobato: Acabo de recibir una carta del amigo Garay en que, anunciándome haber sido traducido ‘C. de A y de M.’ por la sta Camargo, me pide autorización para publicar dicha traducción en su casa editora de Vd. Como Vd. me habló alguna vez de eso mismo, tendría mucho más placer en tratar este asunto directamente con Vd., como me parece razonable. Me dice Garay que la sta traductora no tiene aspiraciones pecuniarias al respecto. Tampoco las tengo yo muy grandes, amigo, bien que

11 *Revista do Brasil*, pp. 364-5. Coleção IEB.

12 Fonte: Arquivo Monteiro Lobato, localizado no Cedae (Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio”)/IEL, na Unicamp. Todas as demais cartas ou fragmentos de carta de Quiroga a Lobato mencionadas neste artigo fazem parte do mesmo arquivo.

13 *Revista do Brasil*, nº 69, setembro/1921, p. 76. Coleção IEB.

14 *Idem*, *ibidem*, p. 77.

15 *Idem*, *ibidem*.

como profesional, y pobre, me sienta halagado cuando consigo unos pesos. En este asunto editorial, dejo a su criterio de colega y editor lo que pueda tocarme a mí de una problemática ganancia. No es este detalle el que va a poner una traba en mi amable relación con el Brasil, con su casa editora y con la señorita que tuvo a bien traducir el libro.

[...]

Y hasta su próxima, muy cordial saludo de su amigo

H. Quiroga

Reconquista 586".

Confirmando sua intuição, a questão monetária não foi um empecilho ao prosseguimento do intercâmbio, e em maio de 1922 o nº 77 da *Revista* apresentou uma resenha sobre *Anaconda* (edição argentina, de 1921). O exemplar havia sido enviado pelo próprio Quiroga, como atesta a carta de 6 de outubro de 1921:

"B. Aires – 6 octubre 1921.

Mi estimado Lobato:

[...]

Le mando con ésta dos ejemplares de 'Anaconda', – uno para Vd., y el otro para algún amigo – Ferraz (16), si quiere tenerlo.

[...]

Saludos,

H. Quiroga".

UR
REC

Da resenha, sempre em tom elogioso, seguem alguns trechos:

"[...] 'Anaconda' encerra 19 contos, que o são de facto. É muito commum confundir-se o conto com a chronica, genero dos mais abundantes e no qual os escriptores sem talento se sentem perfectamente à vontade. Os de Quiroga são realmente contos, intensos, vivos, bem marcados, com começo, meio e fim, alem da dose de dramaticidade, de comico e de psychologia necessaria à perfeita caracterisação do genero.

[...]

Horacio Quiroga é sempre o mesmo dono duma arte segura, viva, justa e fina. Sabe localizar, graduar, escolher e movimentar. E, qualidade suprema! – não maça, não caceiteia nunca. Recomendamol-o, pois, vivamente, a todos que desejam conhecer da moderna literatura argentina, como, dos contistas actuaes, o *primus inter pares*".

Ao receber o exemplar da *Revista do Brasil* com a matéria, Quiroga comenta suas impressões:

"B. Aires, junio 20-22

Mi estimado Lobato: acabo de recibir el número de la 'Revista do Brasil', donde me hallo con sus líneas sobre 'Anaconda'. Bien que por tratarse de Vd. no debía sorprenderme de su buena voluntad para conmigo, es tan raro, amigo, hallar una partícula de sinceridad y honradez en los colegas! Tanto más contento en este caso, pues se trata, junto con Lynch, los dos verdaderos hermanos que encuentro en esta América del Sur. Y la tarea, para gentes que como nosotros escriben de cosas poco literárias, sin duda.

[...] *En fin, me alegro de saberlo bueno, y con [ilegível] amistad de su compañero*

H. Quiroga".

Em 1922 surgiu uma oportunidade concreta de um encontro entre os dois misivistas. Por determinação do presidente

16 Quiroga refere-se a Brenno Ferraz, que fazia parte do corpo editorial da *Revista do Brasil*, tendo ocupado várias funções ao longo dos anos (foi secretário, redator-chefe, diretor, além de resenhista).

uruguaio, Horacio Quiroga foi enviado ao Rio de Janeiro (17). Hospedado no Hotel Glória, é de lá que escreveu a Lobato a fim de combinar o encontro:

“Rio de Janeiro, stbre, 6 1922.

Mi estimado Lobato:

¿Se le verá a Vd. por aquí, o debremos sperar ir a San Pablo para ello? Supondrá las ganas que tengo de verle la cara. Si anda Garay por allí, adviértalo de mi stada por aquí.

Si me manda dos líneas sobre modo de vermos, esta, encantado

Suyo

H. Quiroga”.

Uma vez que não pôde ir ao Rio devido a compromissos editoriais, Lobato recebeu Quiroga em São Paulo, na redação da *Revista do Brasil*. A todos os visitantes era oferecido um almoço campestre, nos altos do Jabaquara, e Quiroga não escapou à regra. O discurso de saudação foi proferido por Lobato e publicado em novembro na *Revista do Brasil*:

[...] A mim, como o mais velho do grupo, o mais caradura e o que mais o conhece, compete dar as razões pelas quais jantamos o querido uruguaio. [...] Quiroga é homem. Interessa-se portanto pelo homem e pela natureza ‘agida’ ou ‘reagida’.

E como é também um artista, fêz da sua arte um espêlho que reflete maravilhosamente a vida do homem no seio da natureza.

[...] A arte de Quiroga [...] respeita religiosamente o que é, o que ele vê, o que ele sente. Não mente, não desnatura, não enfeita, não afeia.

Seus leitores percebem logo, às primeiras linhas, que não estão a perder o tempo precioso.

[...] Mais uma palavra, apenas. Quiroga não fala; escreve sòmente. E a condição que impôs à ameaça de ser jantado foi essa de ficar mudo como um peixe, ou melhor, mudo como uma anaconda – como uma anaconda muda, visto como as que êle romanceia e as com que convive em Buenos Aires falam pelos cotovelos.

Senhores! Bebam à saúde do grande *conteur*

uruguaio, êste copo de sôro antiofídico” (18).

Novamente aqui notamos uma leitura sustentada numa concepção realista, mimética da representação. Uma vez que Quiroga “não desnatura”, sua arte reflete, como um espelho, a natureza, sem embelezá-la nem “afeiá-la”.

Assim como Lobato, Horacio Quiroga também trata de divulgar a obra do amigo em Buenos Aires. Prova disso é a referência que faz, em carta de 7 de novembro de 1923, ao fato de ter elaborado para a revista *Atlántica* “dos o tres reflexiones de ‘Mundo da lua’: paginas 57-59-72-76-107. *Quando aparezcan no me olvidaré de mandarle los numeros*”. Ao que tudo indica, o próprio Quiroga fez a tradução, pois a seguir escreve: “*En cuanto a la traducción, debo recurrir a veces a giros, no tanto por dificultad [ilegível] mía para hallar el equivalente, como por las cosquillas académicas de los directores de revistas. En fin, amigazo, poco a poco iremos domando a la gente*”.

O fato de ter atuado em vários setores do campo intelectual – foi autor, editor, tradutor – fez com que Lobato tivesse uma visão desmistificada a respeito da atividade de escritor. Em carta a Rangel, datada em 17 de janeiro de 1920, ele afirma:

“Tens toda e não tens nenhuma razão. Tens-na no meu caso: não sou literato, não pretendo ser, não aspiro a louros academicos, glorias, bobagens. Faço livros e vendo-os porque ha mercado para a mercadoria; exatamente o negocio do que faz vassouras e vende-as, do que faz chouriços e vende-os. E timbro em avisar ao leitor que não sei a lingua” (Lobato, 1968, p. 211).

O pragmatismo permeia a concepção de cada uma das funções desempenhadas por Lobato; para ele o centro sempre foi, fundamentalmente, o leitor. Assim, para ele, como escritor e tradutor, o texto devia ser claro, sem muitos adjetivos; preocupação do autor que revela uma idéia de literatura marcada pela legibilidade, distanciando-se

17 Quiroga viaja “como membro de una ‘Embajada Extraordinaria en misión especial en el Brasil, con motivo del primer centenario de su independencia’, presidida por Asdrúbal Delgado” [in Horacio Quiroga, 1994, p. 155].

18 *Revista do Brasil*, nº 83, novembro/1922, pp. 271-3. Está publicado também em *Conferências, Artigos e Crônicas*, nas *Obras Completas* de Monteiro Lobato, sob o título “Homenagem a Horacio Quiroga”.

neste ponto da estética experimental vanguardista.

Outro ponto que o aproxima de autores como Gálvez e Quiroga e, em contrapartida, o distancia das vanguardas, é o fato de ele ter publicado contos e artigos em revistas e jornais de grande circulação. No Brasil, além da *Revista*, ele escrevia no jornal *O Estado de S. Paulo*. Na Argentina, a partir da publicação de *Urupés* (1921) e com certa regularidade mantida ao longo do tempo, Lobato colaborou com jornais como *La Prensa* e *La Nación*. Revistas como *Fray Mochó*, *Caras y Caretas*, *Mundo Argentino* publicaram seus contos. Tratava-se de publicações de tiragens enormes, abrangendo um grande público. Assim como Quiroga, Lobato é um escritor profissional e inserido no mercado. Além dessas colaborações nas revistas e jornais, os leitores argentinos puderam conhecer parte da literatura lobatiana para adultos (19) e toda a sua obra dirigida ao público infantil, editada no período em que o criador da Emília viveu em Buenos Aires – junho de 1946 a maio de 1947 – pelas

editoras Códex e Americalee.

Em sua estadia de quase um ano na capital portenha, Monteiro Lobato não parou: escreveu novas histórias – lançadas tanto pela Acteon quanto pela editora Códex –, visitou escolas, foi procurado pelas crianças argentinas, que lhe escreviam cartas. A casa de departamentos Harrod's promoveu em seus salões a Semana Monteiro Lobato e a embaixada do Brasil em Buenos Aires montou a Exposição do Livro Brasileiro, eventos que contaram com grande afluência do público argentino. Nesses anos também a editora Americalee publicou toda a obra lobatiana dirigida ao público infantil.

Seguramente Lobato teria muito mais a produzir na Argentina, ou, para utilizar sua terminologia, poderia aumentar ainda mais as *crias* do seu *estábulo*, numa alegoria constante ao mundo da pecuária quando se referia à sua produção literária (20). No entanto, as saudades do Brasil foram o argumento utilizado para o seu retorno ao país, em maio de 1947. Faleceu um ano depois.

BIBLIOGRAFIA

- ARTUNDO, Patricia M. *Mário de Andrade y la Argentina*. Tomo I. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 2001.
- GRAMUGLIO, María Teresa. "Novela y Nación en el Proyecto Literario de Manuel Gálvez", in Noé Jitric (org.), *Historia Crítica de la Literatura Argentina. El Imperio Realista*. Buenos Aires, Emecé, 2002, vol. 6.
- LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 2º tomo. *Obras Completas*. São Paulo, Brasiliense, 1968, vol. 12.
- _____. *Correspondência*. Arquivo Monteiro Lobato, no Cedae (Centro de Documentação Cultural "Alexandre Eulálio"), vinculado ao IEL (Instituto de Estudos da Linguagem), na Unicamp.
- MONTALDO, Graciela. *La Sensibilidad Amenazada. Fin de Siglo y Modernismo*. Rosario, Beatriz Viterbo, 1994.
- ORLOV, Martha Livia Volpe. *A Revista do Brasil e a Formação de uma Consciência Nacional*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 1980.
- QUIROGA, Horacio. *Vozes da Selva*. Trad. Sergio Faraco. Seleção, prólogo, bibliografia, cronologia e notas de Pablo Rocca. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1994.
- REVISTA DO BRASIL. 1ª fase (1916-1925). Coleção IEB.
- SARLO, Beatriz. "Vanguardia y Criollismo: la Aventura de *Martín Fierro*", in Carlos Altamirano; Beatriz Sarlo. *Ensayos Argentinos. De Sarmiento a la Vanguardia*. Buenos Aires, Ariel, 1997.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-americanas. Polémicas, Manifiestos e Textos Críticos*. São Paulo, Iluminuras/Edusp/Fapesp, 1995.
- SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil. Una Antropología de la Circulación Internacional de Ideas*. Prólogo de Afrânio Garcia. Buenos Aires, Libros del Zorzal, 2003.

19 *Urupés*, trad. Benjamin de Garay, Buenos Aires, Patria, 1921 (reeditado em 1947 pela Editorial Ateneo, com tradução de Juan Ramon Pietrol); *El Macaco que Se Hizo Hombre*, trad. Benjamin de Garay, Buenos Aires, Tor, s/ data.; *Los Ojos que Sangran*, trad. B. Sanchez-Saez, Buenos Aires, Tor, 1924. Coletânea de contos; *El Presidente Negro*, trad. Benjamin de Garay, Buenos Aires, Claridad, 1935.

20 Três meses antes de embarcar para Buenos Aires, Lobato escreve: "Creio que me tornei comum de dois países, pois vivo de livros e os que tenho aqui em exploração os terei também lá, todos este anos. Cada livro considero uma vaca holandesa que me dá o leite de subsistência. O meu estabulo no Brasil conta com 23 cabeças no Otalos, mais 12 na Brasiliense e mais as 30 das *Obras Completas*. Total de 65 vacas de 40 litros. E o meu estabulo na Argentina conta 37 cabeças. O produto do leite vendido na Argentina (e mais países hispanicos) fica depositado lá mesmo, de modo que para mim uma temporada lá não tenho que recorrer ao leite daqui. E como tenho de cuidar de dois estabulos, o remedio é tornar-me comum de dois: parte do ano aqui, parte lá. E tudo está tremendamente facilitado com o caminho aereo. Vai-se daqui lá hoje em 8 horas, creio" (Monteiro Lobato, 1968, p. 374).